

Trotsky e o papel dos indivíduos na História: a tese do Lenin insubstituível

Trotsky and the role of individuals in history: the thesis of the irreplaceable Lenin

Carlos Prado*

Resumo

No Capítulo XVI, “Rearmando o partido”, do Tomo I de *História da Revolução Russa*, Trotsky introduz a discussão sobre o papel dos indivíduos na história, questionando se a revolução teria triunfado sem Lenin. Ele argumenta que, provavelmente, a oportunidade teria sido perdida, destacando o líder bolchevique como um elo essencial na cadeia de acontecimentos. Por sua vez, Deutscher levantou questões sobre essa interpretação e, apoiando-se em Plekhanov, criticou Trotsky, afirmando que sua abordagem era demasiado subjetivista. O objetivo do presente artigo é analisar a temática do papel do indivíduo na história, a partir do debate acerca do papel de Lenin na Revolução Russa. O artigo está estruturado em quatro partes. A primeira parte apresenta a interpretação de Trotsky sobre o papel de Lenin. A segunda parte expõe as críticas de Deutscher, apoiadas na leitura de Plekhanov. Na terceira parte, discute-se o fatalismo presente na concepção “marxista tradicional”. Por fim, a quarta parte argumenta que a interpretação de Trotsky é sustentada pela teoria do desenvolvimento desigual e combinado, bem como pela ênfase no protagonismo das massas em luta.

Palavras-chave: marxismo; Revolução Russa; Trotsky; Lenin

Abstract

In Chapter XVI, “Rearming the party”, of Volume I of *History of the Russian Revolution*, Trotsky introduces the discussion on the role of individuals in history, questioning whether the revolution would have triumphed without Lenin. He argues that the opportunity would probably have been missed, highlighting the Bolshevik leader as an essential link in the chain of events. For his part, Deutscher raised questions about this interpretation and, relying on Plekhanov, criticized Trotsky, claiming that his approach was too subjectivist. The aim of this article is to analyze the theme of the role of the individual in history, based on the debate about Lenin’s role in the Russian Revolution. The article is structured in four parts. The first part presents Trotsky’s interpretation of Lenin’s role. The second part sets out Deutscher’s criticisms, based on his reading of Plekhanov. The third part discusses the fatalism present in the “traditional Marxist” conception. Finally, the fourth part argues that Trotsky’s interpretation is supported by the theory of uneven and combined development, as well as by the emphasis on the protagonism of the masses in struggle.

Keywords: marxism; Russian Revolution; Trotsky; Lenin

* Professor do curso de História da Faculdade de Ciências Humanas (FACH) da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul (UFMS). E-mail: carlosprado1985@hotmail.com

Introdução

Foi durante os primeiros anos de exílio, após a expulsão da União Soviética, em Prinkipo, uma ilha no Mar de Mármara, na costa de Istambul, que Trotsky escreveu sua principal obra como historiador. *História da Revolução Russa* foi publicada no início da década de 1930 e imediatamente se tornou um marco incontornável na historiografia da revolução soviética. A obra contém cerca de 1.500 páginas e foi dividida em três partes: “A queda do czarismo”, “A tentativa de contrarrevolução” e “O triunfo dos soviéticos”. Trata-se de um estudo abrangente e detalhado, que se propõe a analisar a dinâmica das condições objetivas e subjetivas da luta de classes no contexto particular da sociedade russa.

No prefácio de *História da Revolução Russa*, Trotsky argumenta que a tarefa do historiador ultrapassa a mera narração dos acontecimentos. O historiador, segundo ele, deve ser capaz de transcender a simples descrição dos fatos e proporcionar uma compreensão mais profunda do fenômeno histórico. Isso implica que, ao relatar os eventos, é imprescindível explicar as causas subjacentes que os impulsionaram: quais forças sociais, políticas e econômicas os motivaram, quais condições possibilitaram sua ocorrência e por que os acontecimentos se desenrolaram de determinada maneira. No exame do processo revolucionário russo, Trotsky rejeita explicações unilaterais ou exclusivamente objetivas, ancoradas em uma visão simplista do determinismo histórico. Seu materialismo histórico não aceita a ideia de que o desenvolvimento histórico possa ser reduzido a uma suposta objetividade que apenas revele necessidades inevitáveis. Para Trotsky, a história não é determinada unicamente por forças econômicas objetivas, que controlam e definem seu curso, mas resulta de uma complexa interação entre diversos fatores históricos.

Trotsky rejeita o determinismo econômico e seu caráter fatalista, enfatizando a importância da política, da ação das massas e do papel dos indivíduos no curso do processo histórico. Nessa perspectiva, após delinear as estruturas peculiares do desenvolvimento social russo, ele concentra sua exposição no período compreendido entre fevereiro e outubro de 1917, numa análise que destaca a luta de classes e reafirma o papel da agência humana como fator determinante na construção da história. “Revalorizando o lugar da vontade humana na história, das classes sociais e de suas formas partidárias, Trotsky descarta todo automatismo e afirma a centralidade da política nos processos de revolução social”, afirma Bianchi (2007, p. 308-309).

O papel dos indivíduos na história constitui um tema central no debate sobre a dinâmica das transformações sociais e das lutas políticas. No campo historiográfico, a ação das lideranças, gerais e imperadores, ocupou e ainda ocupa um lugar de destaque. Em linhas gerais, a análise do papel dos “grandes homens”, tem sido tradicionalmente associada a uma historiografia liberal-nacionalista, seja ela de orientação positivista ou historicista, a qual tende a enfatizar a iniciativa individual e a criar figuras heroicas. Por seu turno, Marx repudiou essa historiografia desprovida de uma análise concreta das condições materiais de vida. No entanto, ele jamais menosprezou o papel dos indivíduos na história. O que sua concepção revelou foi que a ação humana não é autônoma ou independente, mas se desenvolve a partir das estruturas sociais e econômicas que condicionam as possibilidades de ação. Assim, embora o papel dos indivíduos seja significativo, suas ações devem ser compreendidas dentro do contexto das condições materiais existentes.¹

¹ Esta concepção foi pormenorizadamente elaborada por Marx e Engels desde *A ideologia alemã*, obra na qual eles estabelecem as bases de sua crítica à filosofia idealista e a sua teoria materialista da história. Contudo, talvez a passagem que melhor sintetize e cristalice essa interpretação esteja em *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*, onde Marx expõe, de forma

Não obstante, durante a II Internacional, o marxismo desenvolveu vertentes que se distanciaram dessa perspectiva que apontava para a dialética entre objetividade e subjetividade. Influenciados pelo cientificismo e pelo economicismo, alguns marxistas passaram a difundir teorias reducionistas, fundamentadas em um objetivismo mecanicista, que interpretava o processo histórico à luz do desenvolvimento progressivo das forças produtivas e das necessidades históricas. Esse marxismo determinista encontrou terreno fértil não apenas na Alemanha e em outros países ocidentais, mas também na Rússia, onde foi propagado por figuras de destaque, como o historiador Mikhail Pokrovsky² e o próprio fundador do marxismo russo, Georgi Plekhanov.

O objetivo do presente artigo é abordar o problema do papel do indivíduo na história a partir do debate sobre a atuação de Lenin na Revolução Russa. No Capítulo XVI, “Rearmando o partido”, do Tomo I de *História da Revolução Russa*, Trotsky introduz essa discussão ao levantar a seguinte indagação: como a revolução teria se desenvolvido se Lenin não tivesse alcançado a Rússia em abril de 1917? Trata-se de um tema controverso, que desperta certo desconforto entre os marxistas, uma vez que sua resposta depende um exercício de história contrafactual e não há provas empíricas para serem apresentadas. Logo, Isaac Deutscher, em sua biografia sobre Trotsky, questiona o problema levantado, considerando-o uma abordagem subjetivista. Além disso, o biógrafo também fez referência ao artigo de Plekhanov sobre o papel dos indivíduos na história, ressaltando que tal leitura representava a interpretação clássica do marxismo sobre essa questão. Assim, configura-se um debate interessante sobre os temas da subjetividade e objetividade, acaso e necessidade, indivíduo e sociedade, questões relevantes para a concepção materialista da história.

O presente artigo está estruturado em quatro partes. Na primeira, apresenta-se a interpretação de Trotsky sobre a Revolução de Fevereiro e o papel de Lenin em reorganizar estrategicamente o partido a partir das *Teses de abril*. Em um segundo momento, discute-se as críticas formuladas por seu biógrafo, Deutscher, que, apoiando-se na leitura de Plekhanov, argumenta que Trotsky adotou uma abordagem subjetivista da história ao atribuir um peso excessivo ao papel de Lenin. Na terceira parte, busca-se oferecer uma

incisiva, a relação entre as estruturas econômicas e as superestruturas políticas, demonstrando com clareza o papel decisivo das condições materiais na formação das consciências e das ações políticas: “Os homens fazem a sua própria história; contudo, não a fazem de livre e espontânea vontade, pois não são eles quem escolhem as circunstâncias sob as quais ela é feita, mas estas lhes foram transmitidas assim como se encontram”. (Marx, 2011, p. 25) A clareza com que ele expõe sua visão materialista da história, centrada nas condições materiais, torna esta passagem uma das mais poderosas e elucidativas de seu pensamento.

² Em julho de 1922, Trotsky envolveu-se em um debate com o historiador Mikhail Pokrovsky, no qual criticou sua interpretação do processo revolucionário russo. Trotsky argumentou que a análise de Pokrovsky, exposta em *As causas econômicas da Revolução Russa*, era excessivamente mecanicista e etapista, uma vez que explicava a revolução de outubro numa perspectiva economicista, atribuindo seu desenvolvimento à maturidade das condições objetivas. Em outras palavras, a revolução operária só teria sido possível devido ao amadurecimento de relações propriamente capitalistas na sociedade Russa. Para enquadrar a revolução em um esquema histórico linear e progressista, o historiador relativizou o atraso econômico do país, afirmando que as condições objetivas para a revolução já estavam presentes, dado o avanço do desenvolvimento comercial na Rússia. Em resposta, Trotsky, criticando essa abordagem linear e progressista, reafirmou a teoria do desenvolvimento desigual e combinado, buscando evidenciar como, apesar do atraso econômico, a revolução foi possível. O texto no qual Trotsky desenvolve suas críticas a Prokrovsky foi publicada como Apêndice 1 no primeiro volume de *História da Revolução Russa*.

possível defesa de Trotsky, argumentando que a concepção materialista da história não se fundamenta em uma lógica fatalista e que, em contextos de crises revolucionárias, o papel dos indivíduos se torna mais evidente. Por fim, na última parte, são explorados dois pontos-chave na interpretação de Trotsky: primeiro, a teoria do desenvolvimento desigual e combinado que possibilita uma análise concreta da realidade objetiva e do papel dos indivíduos; e, segundo, a ênfase de Trotsky de que, antes das lideranças, o verdadeiro protagonista dos processos revolucionários são as massas em luta.

1. Trotsky e o papel de Lenin em abril de 1917

Em 27 de fevereiro, após quatro dias de intensificação manifestações e greves que se espalharam por toda Petrogrado, as tropas reais se amotinaram, as massas tomaram a fortaleza de Pedro e Paulo, libertaram os presos políticos e se apropriaram de todo armamento. A revolução triunfou. Após séculos de dominação, a monarquia dos Romanov chegou ao fim. Trotsky (2017a, p. 165) questiona: “A insurreição triunfou. Mas para quem ela entregou o poder arrancado da monarquia?” Essa é uma questão central. O revolucionário russo observa que os presos políticos libertos, especialmente os mencheviques, rapidamente se deslocaram ao Palácio de Tauride, onde constituíram, de imediato, o Comitê Provisório Executivo do Soviete de Deputados Operários e Soldados. Paralelamente, e no mesmo prédio, também foi formado o Comitê Provisório da Duma.

Mas onde, de fato, residia o poder? Trotsky (2017a, p. 170) argumenta que, desde sua formação, o Comitê Executivo do Soviete “começou a funcionar como um soberano”. O Soviete assumiu o controle dos serviços públicos e passou a exercer funções de Estado, gerenciando setores cruciais, como comunicação e transporte, incluindo telégrafos, serviços postais, rádios, gráficas e ferrovias. Ocupou inclusive o Banco Central, o Tesouro e a Casa da Moeda. Os operários dessas instituições passaram a obedecer exclusivamente às ordens do Comitê Executivo: “O poder estava desde o primeiro momento nas mãos do sovieta”. (Trotsky, 2017a, p. 174)

Todavia, o poder escapou do sovieta, ou melhor, como aponta Trotsky (2017a, p. 171), ele foi entregue à Duma, à burguesia liberal: “os socialistas à frente do sovieta já olhavam ao redor com alarme, a fim de encontrar um verdadeiro ‘patrão’. Consideravam natural que o poder devesse passar para a burguesia”. Segundo Trotsky, as eleições para o Comitê Executivo do Soviete atraíram um eleitorado muito mais amplo do que aquele diretamente envolvido nas lutas que ocorreram nos bairros durante os cinco dias anteriores à queda da monarquia dos Romanov. Como resultado, mencheviques e socialistas-revolucionários alcançaram a maioria na eleição. Esses grupos eram conciliadores e acreditavam que a Revolução Russa possuía um caráter burguês, o que justificava a transferência do poder para as mãos dos liberais. Tal princípio doutrinário embasava a entrega do poder à Duma.

Por seu turno, os bolcheviques constituíram apenas uma minoria no sovieta. As principais lideranças do partido estavam no exterior, uma vez que haviam sido deportadas, e, no momento da revolução, apenas Chlyapnikov, Zalutsky e Molotov se encontravam em Petrogrado. Em 4 de março, esse *Bureau* se reuniu e adotou uma resolução na qual afirmava que o Governo Provisório, chefiado pela Duma, tinha um caráter contrarrevolucionário e que era necessário lutar pela construção de uma República democrática dos trabalhadores, além de defender o fim imediato da Guerra. No entanto, essa

posição encontrou resistência no interior do partido. Não estava claro para os bolcheviques que a revolução poderia ultrapassar o caráter democrático-burguês.

Dias depois, Stalin, Kamenev e Muranov chegaram à Petrogrado e, em 13 de março, assumiram a direção do partido e do *Pravda*. A linha do jornal sofreu um giro radical. Essa nova direção adotou uma posição conciliadora. Stalin apresentou uma tese na qual defendeu o apoio “condicional” ao Governo Provisório, desde que esse se opusesse às forças da contrarrevolução. Assim, propôs que o Soviete deveria apoiar a Duma, ao mesmo tempo em que impusesse suas próprias reivindicações, especialmente a garantia da liberdade de manifestação. Por sua vez, Kamenev defendeu a continuidade da guerra. Ele argumentou que só assim as conquistas democráticas poderiam se sustentar.

Lenin encontrava-se no exílio, em Zurique, na Suíça, e ficou alarmado com a postura conciliatória adotada pelos líderes bolcheviques. Em resposta, escreveu quatro cartas, denominadas “cartas de longe”, destinadas ao *Pravda*, nas quais defendeu que os bolcheviques não deveriam sustentar o novo governo e enfatizou a necessidade de “preparar a revolução proletária”. A proposta de Lenin causou surpresa entre os dirigentes do partido, que não chegaram a responder-lhe. Somente a primeira carta foi publicada. Posteriormente, Lenin dirigiu-se à Rússia, passando pela Alemanha, rumo à Estação Finlândia, onde desembarcou no dia 3 de abril, sendo calorosamente recebido por milhares de pessoas. Ao discursar para a multidão, ele anunciou um novo programa: “A Revolução Russa realizada por vocês abriu uma nova época. Viva a revolução socialista mundial!”. (*apud* Trotsky, 2017a, p. 297)

No dia seguinte, o partido se reuniu para uma conferência e Lenin apresentou sua proposta. As *Teses de abril*, como ficaram conhecidas, apresentaram dez pontos que representaram uma ruptura decisiva com a linha conciliatória adotada. A segunda tese definiu de forma clara o programa. Lenin (1980) afirmou que a Rússia atravessava um período transitório e que era necessário avançar da primeira etapa da revolução, que havia colocado o poder nas mãos da burguesia, para uma segunda etapa, em que o poder deveria ser transferido ao proletariado e ao campesinato. Lenin insistiu na denúncia ao Governo Provisório, defendendo uma transição para o regime socialista e para um Estado Operário, constituído como uma República de Sovietes de Deputados Operários e Camponeses. Esse programa causou grande espanto e foi amplamente hostilizado pela cúpula bolchevique, instaurando uma crise no interior do partido. De imediato, as teses foram publicadas exclusivamente com o nome de Lenin.

Trotsky (2017a, p. 313) questiona: “Como explicar o extraordinário isolamento de Lenin no início de abril?” A grande questão reside no fato de que o programa bolchevique de 1905 apontava que o caráter da revolução russa era burguês. Tratava-se de uma revolução burguesa-democrática e, portanto, essas eram as tarefas que estavam na ordem do dia. Logo, parecia lógico e coerente o apoio ao Governo Provisório. No entanto, Trotsky (2017a, p. 315) argumenta que “os quadros bolcheviques da Rússia continuavam presos à velha fórmula”. Coube a Lenin mostrar que o esquema habitual não refletia a realidade do processo revolucionário em curso, que havia ultrapassado as expectativas e as tarefas de uma revolução burguesa.³

³ Desde a Revolução de Fevereiro e ao longo das primeiras semanas de abril de 1917, Lenin dedicou-se intensamente à análise da Revolução Russa, buscando compreender suas características específicas, seu caráter e os rumos que a luta política deveria tomar. Esse

Quando Lenin apresentou suas novas teses, ele se viu em completo isolamento. O *Pravda*, em sua edição de 8 de abril, publicou uma nota criticando abertamente o programa, argumentando ser inaceitável considerar uma transição imediata para o socialismo. Trotsky afirma que essa crise interna no partido bolchevique representa um momento crucial para compreender o desenvolvimento subsequente da revolução. Estavam em jogo duas linhas teórico-políticas antagônicas, e, enquanto a crise não fosse superada, o partido permaneceria paralisado. Para Lenin, não se tratava mais de esperar o amadurecimento das condições objetivas; não era necessário aprofundar ainda mais as relações capitalistas nem passar por uma longa fase de desenvolvimento parlamentar burguês. A questão, para Lenin, havia se tornado fundamentalmente subjetiva: era preciso adotar um programa de transição socialista e avançar na construção do poder soviético.

Após descrever a crise que o partido bolchevique enfrentou em abril e destacar a centralidade das *Teses de abril*, Trotsky, ao final do Capítulo XVI, “Rearmando o partido”, discute o papel dos indivíduos na história, com ênfase na figura de Lenin no curso da Revolução Russa. Trotsky inicia o debate fazendo uma referência à Olmsky (*apud* Trotsky, 2017a, p. 320), um veterano bolchevique que, em 1921, levantou uma importante questão no *Pravda*: “Como explicar o fato de a revolução de fevereiro ter encontrado o partido no caminho oportunista, e o que lhe permitiu, depois disso, virar tão bruscamente para o caminho de outubro?”. Esta questão visa entender o significado das *Teses de abril* e os fundamentos da mudança de orientação do partido. O mesmo autor amplia essa discussão, questionando: “De onde vem a Revolução de Outubro? Como o partido, de seus líderes até suas fileiras, renunciou tão repentinamente a tudo que considerava como verdade estabelecida por quase duas décadas?”. (*ibidem*) Novamente, Olmsky destaca a drástica mudança programática liderada pelos bolcheviques em abril e indaga como tal transformação foi possível.

Na sequência, Trotsky (2017a), cita Nikolai Sukhanov⁴, que, em um dos sete volumes de sua obra sobre a Revolução Russa, também questiona sobre a crise do partido

período foi decisivo para a formulação de uma nova estratégia bolchevique. Em pouco mais de duas semanas, Lenin publicou uma série de artigos e manifestos que se tornaram fundamentais. Entre as mais importantes publicações desse período, destacam-se “Cartas de longe”, “Sobre as tarefas do proletariado na presente revolução”, “Sobre a dualidade de poderes” e “As tarefas do proletariado na nossa revolução”. Estes textos ajudaram a redefinir o rumo da revolução e a posição que o Partido Bolchevique deveria adotar. É justamente em “As tarefas do proletariado na nossa revolução” que Lenin aborda de maneira mais explícita a transição da revolução burguesa para a revolução socialista. Ele destaca que a revolução não deveria se limitar a garantir reformas liberais ou democráticas. Ao contrário, propõe que a classe trabalhadora, através dos soviets, deveria tomar o poder, substituindo o governo provisório da burguesia, iniciando a construção de um Estado de novo tipo: “Desde os fins do século XIX, as épocas revolucionárias apresentam um tipo *superior* de Estado democrático, um Estado que, em certos aspectos já deixa de ser, segundo a expressão de Engels, um Estado, ‘não é já um Estado no verdadeiro sentido da palavra’. É o Estado do tipo da Comuna de Paris [...]. A revolução russa *começou* a criar, em 1905 e em 1917, um Estado precisamente deste tipo. A República dos Sovietes de deputados operários, soldados, camponeses etc., unidos numa só Assembleia Constituinte de toda a Rússia dos representantes do povo ou num Conselho dos Sovietes etc.”. (Lenin, 1980, p. 31)

⁴ Uma das lideranças do Governo Provisório, Fundador do Partido Cadete, professor de história de Moscou, autor de trabalhos eruditos.

em abril e o seu desenvolvimento posterior. Sukhanov pergunta: “Como Lenin manobrou para levar a melhor e conquistar seus bolcheviques?” Aqui, a questão é reformulada de modo a destacar a figura de Lenin. Trotsky (2017a) aponta para a insuficiência da resposta de Sukhanov, uma vez que este apenas exalta um “espírito totalmente heroico” do líder bolchevique, atribuindo-lhe uma genialidade e uma autoridade histórica excepcionais, e considerando-o o grande estrategista do partido. De acordo com Trotsky (2017a), Olminsky se aproxima mais de uma resposta satisfatória ao argumentar que, apesar de sua fórmula de revolução democrática-burguesa, o partido bolchevique, desde 1902, se opôs consistentemente à burguesia e a sua república parlamentar, preparando-se para liderar o proletariado numa luta direta pela conquista do poder.

Trotsky também se empenha em responder à questão relativa à crise interna do partido provocada pelas *Teses de abril*. Ele argumenta que o apoio crucial ao programa de Lenin não provinha dos antigos bolcheviques, mas sim das massas de operários e operárias que haviam marchado na Revolução de Fevereiro: “os operários bolcheviques desempenharam um papel decisivo. Eles pensavam ser óbvio que a classe que obteve a vitória devesse tomar o poder”. (Trotsky, 2017a, p. 323) A força política de Lenin, portanto, residia em sua aguçada compreensão da consciência e do ânimo das massas operárias, bem como na capacidade de traduzir essa percepção em uma política concreta. Dessa forma, o líder bolchevique não apenas orientava os operários revolucionários, mas também era orientado por eles: “Ele não impôs seu plano para as massas; ele ajudou as massas a reconhecer seu próprio plano”. (Trotsky, 2017a, p. 234) Esse, para Trotsky, foi o papel central desempenhado por Lenin em abril de 1917: compreender o novo cenário que emergia após a Revolução de Fevereiro, conectando-o à consciência das massas operárias. Não se tratava de dirigir as massas, como um agente externo, mas de traduzir os anseios das massas em um programa.

Após analisar o papel de Lenin em abril de 1917, Trotsky levanta a questão de como a revolução teria se desenrolado caso Lenin não tivesse retornado à Rússia naquele momento. É a partir dessa indagação que ele desenvolve um exercício de história contrafactual. Ele responde, afirmando: “Se nossa exposição demonstra e prova alguma coisa, esperamos que não seja que Lenin fosse um demiurgo do processo revolucionário, mas que ele apenas entrou na cadeia das forças históricas objetivas. Entretanto, ele foi o grande elo nessa cadeia”. (Trotsky, 2017a, p. 327) Trotsky afirma que Lenin não era um gênio, nem possuía poderes sobrenaturais, mas, dentro da cadeia de eventos, desempenhou um papel central, necessário e insubstituível. O partido necessitava de um novo programa, e foi Lenin, por meio das *Teses de abril*, quem formulou e sustentou esse programa, conquistando a adesão da maioria.⁵

⁵ Quanto a capacidade política de Lenin, é relevante destacar a observação de Albamonte e Maiello (2020), que, ao estabelecerem uma conexão entre luta revolucionária e estratégia militar, particularmente a partir da obra de Clausewitz, argumentam que Lenin se assemelhava ao que o general chamava de “Gênio guerreiro”. Esse termo refere-se à liderança que possui um conjunto de qualidades essenciais para o sucesso na luta, incluindo a habilidade de se adaptar às circunstâncias quando “na guerra as coisas surgem de maneira constantemente diferente daquilo que se esperava”. (Clausewitz *apud* Albamonte e Maiello, 2020, p. 133) Foi justamente essa capacidade de identificar e analisar uma situação em curso, adaptando a estratégia do partido bolchevique, que Lenin demonstrou em abril de 1917.

Na sequência, Trotsky (2017a) indaga se seria possível afirmar que o partido, na ausência de Lenin, teria conseguido encontrar seu caminho. A resposta merece ser transcrita na íntegra:

Não ousaríamos de modo algum afirmar isso. O fator do tempo é decisivo aqui, e é difícil em retrospecto contar o tempo historicamente. O materialismo dialético, como quer que seja, não tem nada em comum com o fatalismo. Sem Lenin, a crise que a direção oportunista iria provocar inevitavelmente, teria assumido um caráter extraordinariamente agudo e prolongado. As condições de guerra e revolução, porém, não permitiam ao partido um longo período para completar sua missão. Assim, não se exclui de modo algum que o partido desorientado e dividido poderia ter deixado escapar a oportunidade revolucionária por anos. (Trotsky, 2017a, p. 327)

Trotsky é categórico ao afirmar que, sem Lenin, as condições que possibilitaram a vitória poderiam ter se perdido. A vitória não era pré-determinada de antemão por forças objetivas. A revolução não era uma fatalidade. Assim, Trotsky argumenta que, na ausência de Lenin, é altamente provável que o partido tivesse permanecido com um programa conciliador, incapaz de superar sua crise a tempo de promover a necessária mudança estratégica, o que poderia ter comprometido a vitória da revolução em outubro. A oportunidade histórica poderia ter escapado. Nesse contexto, a personalidade e o papel de Lenin adquirem uma dimensão extraordinária. Todavia, Trotsky argumenta que isso não implica um culto ao individualismo. Conclui Trotsky (2017a, p. 328): “É necessário apenas entender esse papel corretamente, tomando a personalidade como um elo na cadeia histórica”.

2. As críticas de Deutscher à interpretação “subjetivista” de Trotsky

Isaac Deutscher é amplamente reconhecido como um dos mais destacados intérpretes da obra de Trotsky. Autor da renomada trilogia dedicada à biografia do revolucionário – *O profeta armado*, *O profeta desarmado* e *O profeta banido* – Deutscher realiza uma análise aprofundada da trajetória política, teórica e pessoal de Trotsky. No último volume, que aborda os anos de exílio do líder revolucionário após sua expulsão da União Soviética, ele dedica um capítulo intitulado “Revolucionário historiador” a uma extensa análise sobre a produção historiográfica de Trotsky, com foco particular nas obras escritas entre 1928 e 1932; *Minha vida* e *História da Revolução Russa*.

Deutscher faz uma interessante analogia, comparando Trotsky com outros historiadores e grandes pensadores que publicaram suas principais obras quando estavam no exílio; Tucídides, Dante, Maquiavel, Heine, Herzen e Marx, são os autores citados. Todavia, Deutscher (2006) argumenta que no caso de Trotsky, havia particularidades relevantes. No exílio, ele precisou lutar por sua vida moral e física, uma vez que havia sido colocado no banco dos réus. A comparação com outros grandes historiadores não é devida apenas ao exílio. Deutscher também apresenta uma série de elogios à escrita e à análise de Trotsky, e destaca, em particular, a competência e a capacidade ao descrever e investigar as complexidades da Revolução Russa: “Nenhum outro bolchevique produziu, ou poderia ter produzido, um relato tão grandioso e esplêndido dos acontecimentos de 1917, e nenhum dos muitos autores dos partidos antibolcheviques conseguiram apresentar um trabalho de valor que pudesse rivalizar com o dele”. (Deutscher, 2006, p. 255)

No entanto, Deutscher (2006, p. 279) apresenta uma crítica contundente a *História da Revolução Russa*. Ao abordar a questão sobre o papel de Lenin, ele observa: “Trotsky enfrenta, aqui, o problema clássico da personalidade na História e talvez tenha menos êxito”. Como vimos, Trotsky apresenta Lenin como o elo de uma corrente, mas afirma que sem ele a corrente teria sido rompida, ou seja, não teria acontecido a revolução de outubro de 1917, pois a oportunidade poderia escapar. Deutscher (2006, p. 280) argumenta que esta “é uma conclusão surpreendente para um marxista”. Acrescenta ainda que este exercício de história contrafactual é polêmico e que não pode ser resolvido com provas empíricas.

Não obstante, Deutscher tem uma explicação que justificaria o argumento contrafactual lançado por Trotsky. Ele afirma que “as opiniões de Trotsky, o historiador, são afetadas de perto pela experiência e o humor de Trotsky, o líder da oposição derrotada – é de duvidar se antes, em sua carreira, ele teria expressado uma opinião que contraria de tal modo a essência da tradição intelectual marxista” (Deutscher, 2006, p. 280-281). Deutscher argumenta que essa referência decisiva ao papel de Lenin na revolução de 1917 era resultado das condições que Trotsky enfrentava naquele momento. Ou seja, o revolucionário russo buscava defender-se das inúmeras acusações de antileninismo e de atividades contrarrevolucionárias, bem como evidenciar o papel de outros dirigentes que, em abril de 1917, não apoiaram a reorientação estratégica proposta por Lenin.

Para a questão central do presente artigo, destaca-se que, de acordo com Deutscher, ao abordar o papel de Lenin, Trotsky se posicionou contrário à “tradição intelectual marxista”. A grande referência sobre a questão era o ensaio de Georgi Plekhanov, um dos fundadores do marxismo russo e membro do Partido Operário Social-Democrata Russo, que em 1903, se juntou aos mencheviques. A obra em questão é *O papel do indivíduo na história*, publicada originalmente em 1898. Trata-se de um longo ensaio, dividido em oito partes, que busca lançar críticas aos historiadores liberais que afirmavam ser a atividade individual o fator fundamental do desenvolvimento histórico.

Os ideólogos burgueses tendem a desvalorizar o papel das estruturas socioeconômicas e das classes populares, ao mesmo tempo em que enaltecem as grandes lideranças, atribuindo aos traços de suas personalidades a responsabilidade pelos processos históricos. Esses mesmos autores direcionavam críticas ao materialismo histórico, afirmando que este, ao trazer à luz as condições econômicas, reduzia a zero o papel dos indivíduos na história. Sustentavam que era uma teoria incompatível com o conceito de liberdade, uma vez que desconsiderava a autonomia e a liberdade individual.

No debate com os liberais, Plekhanov reconhece o papel dos indivíduos na história, mas aponta para os seus limites:

Os indivíduos, graças a determinadas particularidades de seu caráter, podem influir nos destinos da sociedade. Por vezes, a sua influência pode ser considerável, mas tanto a própria possibilidade dessa influência quanto suas proporções, são determinadas pela organização da sociedade, pela correlação das forças que nela atuam. O caráter do indivíduo constitui “fator” do desenvolvimento social somente onde, exclusivamente na época, e unicamente no grau em que o permitem as relações sociais. (Plekhanov, 2008, p. 138)

Essa passagem exprime de forma sintética a compreensão “tradicional” dos marxistas sobre o papel do indivíduo na história. Plekhanov argumenta que é a organização social que determina, em cada época, a relevância e o papel dos indivíduos na história. Contrário ao subjetivismo burguês, o marxista russo afirma que a atuação individual é sempre limitada pelas condições socioeconômicas, ou seja, é a realidade concreta material que determina as condições para atuação dos indivíduos.⁶

Não obstante, para além das condições socioeconômicas, o marxista russo acrescenta que a ação individual depende das “necessidades históricas”: “Tudo depende do fato de minha própria atividade constituir ou não um elo indispensável na cadeia dos acontecimentos necessários. Se a resposta é positiva, tanto menores serão minhas vacilações e tanto mais energéticas meus atos”. (Plekhanov, 2008, p. 107) Para ilustrar a problemática da necessidade histórica, ele recorre ao exemplo da Revolução Francesa. Sustenta que a demanda preeminente da França do final do século XVIII era a substituição das instituições políticas do Antigo Regime por estruturas que se adequassem de maneira mais eficaz ao regime econômico burguês. Nesse contexto social, os indivíduos que desempenharam papel histórico significativo foram aqueles cuja ação contribuiu para concretização dessa necessidade urgente.

Plekhanov também aborda a questão do acaso na história, questionando se um acidente ou uma casualidade pode alterar o curso dos eventos históricos. Ele menciona, como exemplo, a morte de Mirabeau, afirmando que tais acidentes podem, de fato, influenciar o desenvolvimento histórico, sugerindo que, sem essas contingências, os rumos da história poderiam ter sido distintos. Em seguida, Plekhanov indaga se esses acasos poderiam alterar o curso da história em oposição à necessidade histórica, e conclui que não. Para ilustrar sua posição, ele recorre novamente ao exemplo da Revolução Francesa. Ele levanta a questão sobre os possíveis desdobramentos históricos caso Robespierre tivesse falecido antes de 1792. Em resposta, Plekhanov afirma que:

Se a queda casual de uma telha o tivesse matado, suponhamos, em janeiro de 1739, seu posto teria sido ocupado, naturalmente, por outro e, embora esse outro tivesse sido inferior a ele em todos os sentidos, os acontecimentos, apesar de tudo, teriam tomado o mesmo rumo que tomaram com Robespierre. (Plekhanov, 2008, p. 143)

As duas citações de Plekhanov são bastante ilustrativas para elucidar o seu pensamento sobre o papel dos indivíduos na história. Ao fazer um exercício de história contrafactual, imaginando a Revolução Francesa sem Robespierre, ele é enfático ao

⁶ Ao refletir sobre a questão da objetividade que impõe limitações à atuação da subjetividade, Mandel propôs uma concepção relevante. Ele argumenta que o papel dos indivíduos e os resultados de suas ações possuem uma historicidade, ou seja, que esses processos ocorrem dentro de um contexto objetivo que restringe as possibilidades disponíveis, o que Mandel denominou de “determinismo paramétrico”: “O determinismo dialético, em oposição ao determinismo mecânico ou lógico-formal, também é um determinismo paramétrico; e permite que o adepto do materialismo histórico compreenda o lugar real da ação humana na maneira como o processo histórico se desenrola e na maneira como o resultado das crises sociais é decidido. Homens e mulheres de fato fazem sua própria história. O resultado de suas ações não é mecanicamente predeterminado. A maioria das crises históricas, se não todas, tem *vários resultados possíveis*, não inúmeros *resultados* fortuitos ou arbitrários; é por isso que usamos a expressão ‘determinismo paramétrico’, que indica várias possibilidades dentro de um determinado conjunto de parâmetros”. (Mandel, 1989)

afirmar que algumas coisas poderiam ter ocorrido de forma diferente, uma vez que a personalidade e o talento individual influenciam em alguma medida os eventos. Todavia, ele afirma que o curso geral e necessário não teria sido alterado, ou seja, teria se cumprido a necessidade da mudança social propícia ao desenvolvimento burguês. De acordo com Plekhanov, “homens de talento só podem fazer variar o aspecto individual e não a orientação geral dos acontecimentos”. (Plekhanov, 2008, p. 150)

Em seguida, ele questiona o destino da Revolução Francesa na ausência de Napoleão Bonaparte. Sua resposta é a seguinte:

O que Napoleão fez na campanha da Itália e nas outras expedições teria sido feito por outros generais. Estes talvez não tivessem revelado tanto talento quanto aquele, nem obtido vitórias tão brilhantes. Mas, apesar disso, a República Francesa teria saído vitoriosa em suas guerras [...].

No que se refere ao 18 Brumário e a sua influência na vida interna da França, também aqui a marcha geral e o desfecho dos acontecimentos teriam sido provavelmente os mesmos, no fundo, que sob Napoleão. (Plekhanov, 2008, p. 143-145)

Plekhanov sustenta que, quando um indivíduo especialmente talentoso desempenha um papel decisivo na história, ele impede que outros assumam a mesma função. Para ilustrar essa ideia, ele utiliza o exemplo de Napoleão, argumentando que o general impediu que outros ocupassem o seu lugar, sendo que estes poderiam ter cumprido a mesma função com a mesma competência. Segundo Plekhanov, caso figuras como Robespierre ou Napoleão deixassem de estar presentes no cenário histórico, outros indivíduos preencheriam suas posições e realizariam as tarefas necessárias. Em síntese, se uma determinada personalidade morresse por alguma contingência, surgiria outro sujeito capaz de ocupar seu lugar e de lidar com a solução do problema em questão.

Para Plekhanov, a força pessoal de Napoleão e Robespierre aparece como algo excepcional, na medida em que outras forças de natureza semelhante não tiveram a oportunidade de se manifestar, o que gera uma “ilusão de ótica” de que apenas esses indivíduos poderiam ter cumprido tais funções. Assim, de acordo com o marxista russo, ao especular sobre o que teria ocorrido caso Napoleão tivesse falecido prematuramente, “nossa imaginação confunde-se e parece-nos que todo o movimento social sobre que se baseava sua força e sua influência não teria podido produzir-se sem ele”. (Plekhanov, 2008, p. 147)

É essa concepção que Deutscher invoca ao direcionar suas críticas à Trotsky. Ele enfatiza que o líder é um componente de uma necessidade histórica, e que essa necessidade gera o indivíduo necessário quando sua presença se torna imprescindível. Logo, “nenhum grande homem é ‘insubstituível’”. (Deutscher, 2006, p. 281) Para Deutscher, Trotsky hipervaloriza o papel de Lenin, ao afirmar que sua personalidade não mudou apenas as características individuais dos acontecimentos, mas sim a “tendência geral”.⁷ Ou seja, sem Lenin, o partido poderia ter perdido a oportunidade da Revolução de Outubro. Reafirmando as teses de Plekhanov, Deutscher argumenta que

⁷ Esse marxismo de caráter economicista também encontra adeptos entre os trotskistas. Em sua obra *Trotskismos*, Daniel Bensaïd (2008, p. 49) reafirma a ideia de que a Revolução de Outubro representava uma necessidade histórica: “Outubro podia ter tido lugar sem ele [Trotsky], talvez

Trotsky sucumbiu a “ilusão de ótica” ao sustentar que Lenin seria insubstituível, acreditando que nenhum outro indivíduo seria capaz de ocupar seu lugar e de realizar tal tarefa.

Deutscher argumenta que, na ausência de Lenin, outro indivíduo teria eventualmente ocupado seu lugar. Ao refletir sobre quem poderia ter sucedido Lenin, ele sugere que “talvez o próprio Trotsky” fosse o substituto. Reforçando o argumento de Plekhanov, ele afirma: “Se nem Lenin, nem Trotsky estivessem ali, algum outro homem se destacaria. O fato de que entre os bolcheviques não houvesse, aparentemente, outra personalidade de sua estatura não prova que, na ausência dos dois, um outro líder não tivesse surgido”. (Deutscher, 2006, p. 283)

Por fim, Deutscher insiste no argumento de que a valorização do papel de Lenin em *História da Revolução Russa* reflete o período em que o stalinismo já havia consolidado o culto à personalidade de Lenin, e que as afirmações de Trotsky a esse respeito eram “um reflexo negativo desse culto”, levando Trotsky a sucumbir à lógica do Lenin “insubstituível”. Por fim, Deutscher, aponta que este foi o “único caso de pensamento subjetivista na *História*. Sob os demais aspectos, é como pensador objetivo que Trotsky apresenta os fatos”. (Deutscher, 2006, p. 290)

3. Trotsky contra o determinismo e o fatalismo

Em favor da interpretação de Trotsky, pode-se apontar dois argumentos centrais. Em primeiro lugar, ele está correto ao afirmar que o marxismo não é uma teoria fatalista. Salta aos olhos que o principal argumento de Plekhanov, reafirmado por Deutscher, é a existência de uma “necessidade histórica”. Trata-se de uma visão determinista e mecanicista da concepção materialista da história, evidenciando uma lógica teleológica subjacente disfarçada sob a pretensão de objetividade histórica. A noção de uma necessidade pré-determinada e inevitável, autônoma em relação à ação humana e ao conflito de classes, se distancia profundamente de Marx.

Uma análise cuidadosa revela que é o próprio Plekhanov quem se vê imerso em uma “ilusão de ótica”. Afinal, tomando a Revolução Francesa como exemplo, ele afirma que sua realização era inevitável. Observando o curso dos acontecimentos, ele pensa que não seria possível um desenrolar diferente. Plekhanov não leva em consideração a possibilidade de que a intervenção de outros indivíduos poderia ter alterado o desfecho histórico e, em vez disso, sustenta a ideia de uma necessidade histórica predeterminada. Ele compreende a queda da monarquia e o novo regime burguês como uma necessidade dada pela objetividade das contradições materiais e, por conseguinte, subestima o papel dos indivíduos e da luta de classes, que sequer é mencionada em seu ensaio.

E quanto à Revolução Russa? Sob uma perspectiva marxista, seria possível afirmar que a revolução era inevitável? Seria viável argumentar que a queda dos Romanov, a subsequente derrocada do Governo Provisório e a ascensão da República Soviética representavam uma necessidade imposta pelas contradições materiais? A revolução operária não é inevitável, nem se configura como uma necessidade predeterminada.

mesmo sem Lenine, já que, enquanto a história avança na boa direção, ela encontra os homens de quem tem necessidade”.

O desenvolvimento do capitalismo, a partir de suas contradições internas e do antagonismo entre as classes sociais, cria as condições materiais para que a revolução ocorra. No entanto, esse processo depende da ação de um sujeito revolucionário – isto é, do proletariado, de sua subjetividade, do desenvolvimento de sua consciência de classe e de seu partido como órgão dirigente dessa transformação.

Valério Arcary, em um artigo que também aborda a questão do papel dos indivíduos na história, examina a interpretação de Plekhanov e apresenta argumentos críticos à tese de que nenhuma liderança é insubstituível. Ele afirma: “Parece uma simplificação meio fatalista considerar que todas as classes sempre encontrarão um material humano disponível para a representação dos seus interesses”. (Arcary, 2002, p. 46-47) Ao deslocar para um plano secundário o papel dos indivíduos na história, a concepção de Plekhanov sugere que, uma vez identificada uma necessidade histórica a ser cumprida, qualquer liderança poderia ser facilmente substituída por outra, já que as classes sociais sempre encontrariam os sujeitos capazes de realizar seus interesses. Em outras palavras, na ausência de Lenin, Trotsky o substituiria, e caso Trotsky não estivesse presente, outro líder surgiria para cumprir a tarefa. No entanto, a premissa de que os bolcheviques encontrariam, inevitavelmente, uma liderança para resolver a questão subjetiva da revolução se revela insustentável.

Além de contestar a visão fatalista, Trotsky também destaca a importância dos prazos e da necessidade de ações decisivas em momentos precisos da história. Ao enfatizar o papel de Lenin em abril de 1917, Trotsky argumenta que, sem a intervenção de Lenin, a oportunidade poderia ter sido perdida, uma vez que a crise interna do partido não teria sido resolvida a tempo. Sem as *Teses de abril*, o partido não teria alterado sua estratégia na direção de uma revolução operário-socialista, e nenhuma outra liderança teria sido capaz de unificar a maioria do partido de forma tão rápida e eficaz. A questão dos prazos e da necessidade de ação no momento oportuno já havia sido abordada por Trotsky em *Lições de Outubro*, onde ele argumenta que o sucesso da revolução dependia de decisões tomadas no tempo certo:

Se, em regra geral, o tempo é um importante fator da política, em períodos de guerra e revolução a sua importância multiplica-se por cem. Absolutamente nada nos garante que se possa deixar para amanhã o que se pode fazer hoje. Se é possível hoje lançar a revolta, abater o inimigo e tomar o poder, amanhã talvez já não. (Trotsky, 2007, p. 92)

Ao analisar a derrota da Revolução Alemã de 1923, Trotsky (2007, p. 79) argumenta que o fracasso se deu pela incapacidade de aproveitar a oportunidade histórica: “Em épocas revolucionárias estes processos decorrem rapidamente. Toda a arte da tática consiste em saber aproveitar o momento em que a combinação das condições é favorável”. Em outra passagem de *História da Revolução Russa*, ao comentar sobre a crise de outubro de 1917, Trotsky reitera que Lenin foi a liderança capaz de solucionar as questões táticas e agir no momento preciso, sem hesitações: “Não fosse a pressão, a crítica e a desconfiança revolucionária de Lenin, o partido não chegaria provavelmente a corrigir a sua linha no momento decisivo”. (Trotsky, 2007, p. 93)

4. Além de Lenin: as peculiaridades russas e o papel das massas

Além dos argumentos contra o fatalismo e da questão do tempo durante as crises revolucionárias, é necessário abordar duas questões fundamentais para compreender o papel dos indivíduos na história, a partir da leitura de *História da Revolução Russa*. Em primeiro lugar, fica claro que Trotsky não concebe a personalidade histórica como algo desvinculado ou acima da sociedade. Lenin pôde exercer seu papel decisivo porque todos os fatores objetivos já haviam atingido um estágio de maturação. Foi somente dentro de determinadas condições históricas específicas que ele pôde atuar de maneira tão impactante. Em contextos de crise revolucionária, o papel do indivíduo torna-se não apenas relevante, mas decisivo. Como observa Arcary:

De qualquer maneira, em primeiríssimo lugar é necessário que todos os fatores objetivos, tenham amadurecido e o momento culminante de um longo processo de evolução histórica tenha sido alcançado: é preciso que milhões de vontades, a mobilização do sujeito social, se unam em torno de um fim comum, de forma irreprimível e com determinação inabalável. Só então a presença do sujeito político coletivo pode ser aquele fator a mais, o peso que desequilibra a balança, a última gota que faz o copo de água transbordar, a derradeira chama que faz a água entrar em ebulição. Só então, também, o papel do indivíduo seria decisivo. (Arcary, 2002, p. 53)

Não por acaso, Trotsky inicia sua exposição com um capítulo destinado a oferecer um panorama geral das condições objetivas da revolução, adotando uma abordagem profundamente histórica. O Capítulo em questão, intitulado “As peculiaridades do desenvolvimento da Rússia”, apresenta a teoria do desenvolvimento desigual e combinado. A partir dessa concepção, Trotsky busca elucidar que os países de formação social capitalista atrasada ou periférica apresentavam características particulares. Ou seja, o desenvolvimento desses países não segue o mesmo padrão dos países mais avançados.⁸ Essa perspectiva rompe com a lógica de uma história linear e etapista, uma vez que elucida a existência de uma historicidade própria desses países, caracterizada pela combinação de elementos mais avançados das forças produtivas *combinada* com condições e traços arcaicos. De acordo com Trotsky:

As leis da História não têm nada em comum com o esquematismo pedantesco. O desenvolvimento desigual, que é a lei mais geral do processo histórico, não se revela, em nenhuma parte, com maior evidência e complexidade do que no destino dos países atrasados. Açoitados pelo chicote das necessidades materiais, os países atrasados se veem obrigados a avançar aos saltos. Dessa lei universal do desenvolvimento desigual da cultura, decorre outra que, por falta de nome mais adequado, chamaremos de lei do *desenvolvimento combinado*, aludindo à aproximação das distintas etapas do caminho e à confusão de distintas fases, ao amálgama de formas arcaicas e modernas. Sem essa lei, tomada, naturalmente, integridade de seu conteúdo material, seria impossível compreender a história da Rússia ou a de outro país de avanço cultural atrasado, seja em segundo, terceiro ou décimo grau. (Trotsky, 2017a, p. 22)

⁸ Destaca-se que, atrasado, nessa perspectiva, de acordo com Demier (2017) não tem o sentido de uma linha evolutiva a ser seguida pelas nações, mas buscar apenas marcar a diferença histórico-temporal na qual as nações desenvolvem sua modernização industrial capitalista.

Como observa Löwy (1998), ao investigar as bases concretas do desenvolvimento russo, Trotsky adota, do ponto de vista metodológico, uma abordagem totalizadora, que visa compreender a inserção da economia russa no sistema capitalista global. Nessa perspectiva, a economia russa não é examinada de forma isolada, mas a partir do seu entrelaçamento com o mercado mundial, particularmente com as potências europeias. A Rússia se situava no núcleo periférico do capitalismo mundial, e esta posição era fundamental para a configuração de sua estrutura econômica e social.

Não é o objetivo deste artigo realizar uma análise detalhada da teoria do desenvolvimento desigual e combinado, mas é fundamental destacar que foi essa abordagem totalizadora que permitiu a Trotsky compreender o desenvolvimento da indústria russa e as relações de classe no país. O desenvolvimento desigual gerou condições nas quais, enquanto as relações produtivas no campo permaneciam essencialmente inalteradas, a indústria russa avançava de forma acelerada, saltando etapas intermediárias. Com o apoio do capital financeiro internacional, a indústria russa desenvolvia suas capacidades técnicas em um ritmo comparável ao dos países mais avançados. Esse fenômeno é caracterizado como o “privilegio do atraso”.

O caráter singular desse modelo de industrialização reside no fato de que ele não foi impulsionado por uma burguesia nacional. Dentro dessa formação social desigual e contraditória, a burguesia, fragilizada e incapaz de exercer uma influência decisiva, carecia de poder econômico e político para se impor frente ao Estado autocrático e ao capital internacional. Dessa maneira, mostrava-se incapaz de levar a cabo as tarefas típicas de uma revolução democrático-burguesa. É neste contexto que emerge a teoria da revolução permanente, que argumenta que apenas o proletariado seria a força social capaz de conduzir a revolução na Rússia, realizando de maneira contínua tanto as tarefas burguesas quanto as socialistas, desde que esse processo fosse acompanhado por uma revolução internacional.

Ao evidenciar as fragilidades da burguesia e a crescente maturidade do proletariado russo, destaca-se o segundo ponto que desejo elucidar. É fundamental enfatizar que, para Trotsky, Lenin não é o principal protagonista da Revolução Russa. O verdadeiro agente central da revolução são as massas em luta, ou seja, a classe operária russa. O protagonismo recai sobre operários e operárias conscientes, que haviam passado pela experiência da Revolução de 1905, que se organizaram nos bairros e nas fábricas, prepararam as manifestações e os comitês de greve, e tomaram as ruas, marchando por Petrogrado. No “Prefácio”, Trotsky (2017a, p. 12) define a revolução como um processo no qual as massas fazem história: “A história de uma revolução é para nós, antes de tudo, a história da entrada violenta das massas no domínio de decisão de seu próprio destino”.

Um dos aspectos mais proeminentes na obra de Trotsky é a ênfase na atuação e no papel decisivo das massas. Em *História da Revolução Russa*, o revolucionário adota uma abordagem positiva do conceito de massas, entendendo-o como um coletivo heterogêneo de sujeitos que atuam sob a liderança do proletariado. Essa concepção se distingue da visão tradicional, que via as massas apenas como uma aglomeração de indivíduos passivos, moldados e controlados por discursos e lideranças externas. Ao contrário, Trotsky considera as massas como sujeitos conscientes de suas condições materiais de existência, que, ao se confrontarem com as contradições sociais que

as oprimem, se organizam e assumem um papel ativo na luta política. Em outra passagem esclarecedora do prefácio, Trotsky afirma:

A característica mais indubitável de uma revolução é a interferência direta das massas nos eventos históricos. [...] quando a velha ordem não se torna mais resistente às massas, essas rompem as barreiras que as excluía da arena política, derrubam seus representantes tradicionais e criam por sua própria iniciativa o ponto de partida para um novo regime. (Trotsky, 2017, p. 11-12)

A ação das massas em luta contra a aristocracia russa é destaque no sétimo capítulo da obra, quando Trotsky descreve os “cinco dias” de mobilizações que resultaram na abdicação de Nicolau II. O processo revolucionário teve início em 23 de fevereiro – 8 de março no calendário ocidental – com uma manifestação de mulheres operárias russas em referência ao dia da Mulher Trabalhadora. Este foi o movimento inicial que se ampliou nos dias seguintes, abarcando cada vez mais um número maior de indivíduos insatisfeitos com a sua realidade imediata, especialmente, com a fome e com a continuidade da guerra. As manifestações e passeatas, no decorrer dos dias, deram lugar a uma grande greve que paralisou toda a cidade de Petrogrado.

Ao comentar sobre essas ações de luta, Trotsky (2017a, p. 139) ressalta a iniciativa das pessoas comuns, dessa massa oprimida, porém resistente, movida por um forte impulso de luta: “O fato é que a Revolução de Fevereiro começaria por baixo, ultrapassando a resistência de suas próprias organizações revolucionárias, a iniciativa sendo tomada pelo acordo com os setores mais oprimidos e explorados”. Este trecho evidencia o papel decisivo das massas, ou seja, dos indivíduos comuns, que, cansados da subordinação e da opressão, são impulsionados, por conta própria, para o campo da luta. Na interpretação de Trotsky, o grande catalisador desse movimento é a insatisfação com as condições de vida. O que mobiliza as massas não é uma idealização de uma nova sociedade, uma vez que elas não possuem um plano claro sobre o que construir após a queda da monarquia; entretanto, há uma consciência generalizada da necessidade de mudança. “Essa multidão inumerável ainda não definiu de forma clara o que quer, mas está saturada de um ódio ácido do que ela não quer. Atrás dela está uma irreparável avalanche histórica. Não há como voltar”. (Trotsky, 2017a, p. 145)

No capítulo seguinte, Trotsky questiona; “Quem dirigiu a revolução?” Afinal, quem impulsionou as manifestações? Quem levou as massas para as ruas? Diversos historiadores, comentaristas políticos liberais e até marxistas afirmaram que não houve uma liderança clara da revolução, sustentando a ideia de que ela se desenvolveu de maneira espontânea. Argumenta-se que, uma vez que os partidos políticos, incluindo tanto os mencheviques quanto os bolcheviques, não desempenharam um papel ativo, a revolução teria ocorrido de forma autônoma. Contudo, essa interpretação é rejeitada por Trotsky. Mais uma vez, ele afirma o protagonismo das massas e o seu papel central na história. Em sua análise, ele reafirma o protagonismo das massas e o seu papel central na história. Para ele, os verdadeiros líderes da revolução foram os operários e operárias de Petrogrado, cujos nomes permaneceram anônimos. Esses indivíduos, motivados por um profundo ressentimento contra o regime czarista, haviam vivido a experiência revolucionária de 1905 e souberam construir, com inteligência e determinação, o caminho que conduziu à queda de Nicolau II. (Trotsky, 2017a)

Ao longo do livro, Trotsky segue, em diversos outros capítulos, evidenciando o papel das massas no processo revolucionário russo, desde fevereiro, passando pelas jornadas de abril, a derrota de julho e pela insurreição de outubro. Não é objetivo deste estudo detalhar todo esse percurso, mas é relevante incluir uma última citação sobre o protagonismo das massas na história. Em uma passagem de *Minha vida*, Trotsky reafirma sua convicção na atividade política da classe operária consciente como protagonista da história:

As autoridades individuais na política, sobretudo na política revolucionária, desempenham um grande papel ou mesmo um papel gigantesco, mas nem por isso decisivo. Processos profundos, processos de massas, determinam, no final das contas, o destino das autoridades individuais. (Trotsky, 2017b, p. 571)

Considerações finais

Já foi dito que Deutscher se equivocou ao acusar Trotsky de sucumbir ao pensamento subjetivista. Nesse ponto, o historiador polonês aproximou-se da perspectiva de Plekhanov, adotando uma leitura mecanicista da história. Contudo, é importante ressaltar que Deutscher não estava completamente equivocado ao apontar que a abordagem de Trotsky foi, de fato, influenciada pelo contexto histórico, ou seja, pela perseguição e pelas distorções stalinistas que o retratavam como um antileninista. Nesse aspecto, parece pertinente a observação do historiador polonês, uma vez que, para além dessa questão sobre o papel de Lenin, existem outras passagens em *História da Revolução Russa*, em *Minha vida*, e em outras obras, em que Trotsky faz alusões a Lenin com o claro objetivo de minimizar as divergências e enfatizar sua proximidade teórico-política. Em um contexto diferente, é provável que essas referências a Lenin não seriam necessárias. No entanto, diante dos ataques, das calúnias e das falsificações, Trotsky percebeu a necessidade de recorrer a sua análise histórica para, como indicou Deutscher (2006), defender tanto a revolução quanto sua própria imagem, sem, contudo, alterar sua concepção histórica.

Por fim, resta mais uma questão que merece ser abordada. Os escritos de Trotsky desde a década de 1920, além de *História da Revolução Russa*, abordam a questão da subjetividade e seu papel central no processo político, especialmente, durante uma crise revolucionária. Em *Lições de outubro*, como já foi mencionado, essa questão é abordada ao se destacar o papel das direções revolucionárias. No entanto, uma das passagens mais esclarecedoras sobre este tema encontra-se em *O programa de transição*, onde Trotsky argumenta que “a crise histórica da humanidade se resume à crise da direção revolucionária”. (Trotsky, 1989, p. 12) Em um cenário em que as condições objetivas estavam dadas, o revolucionário russo sublinha a importância do elemento subjetivo, enfatizando o papel das direções política. Além disso, ele tece uma série de críticas contra os burocratas stalinistas e social-democratas. Em um de seus últimos escritos, conhecido como seu testamento, Trotsky reafirma sua convicção no protagonismo das massas no processo histórico: “A vida é bela. Que as gerações futuras livrem-na de todo o mal, de toda a opressão e violência, e aproveitem-na plenamente”. (Trotsky, 2017c, p. 684)

Referências

- ALBAMONTE, Emilio; MAIELLO, Matías. *Estratégia socialista e arte militar*. São Paulo: Iskra, 2020.
- ARCARY, Valério. Controvérsias marxistas sobre o papel do indivíduo na história. *Revista Crítica Marxista*, n. 15, 2002, p. 35-57.
- BENSAÏD, Daniel. *Trotskismos*. Lisboa: Edições Combate, 2008.
- BIANCHI, Álvaro. “História da Revolução Russa: Trotsky como historiador”. In: MACIEL, David; MAIA, Cláudio; LEMOS, Antonio Henrique (orgs.). *Revolução Russa: processos, personagens e influências*. Goiânia: CEPEC, 2007, p. 307-315.
- DEMIER, Felipe. “A lei do desenvolvimento desigual e combinado de Trotsky e a Revolução Russa”. In: DEMIER, Felipe; MONTEIRO, Marcio Lauria (orgs.). *100 anos depois: a Revolução Russa de 1917*. Rio de Janeiro: Mauad X, 2017, p. 135-166.
- DEUTSCHER, Isaac. *Trotski. O profeta banido (1929-1940)*. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2006.
- LENIN, V. I. *Obras escolhidas – Tomo II*. São Paulo: Editora Alfa-Omega, 1980.
- LÖWY, Michael. “A teoria do desenvolvimento desigual e combinado”. *Revista Outubro*, n. 1, 1998, p. 73-80.
- MARX, Karl. *O 18 de brumário de Luís Bonaparte*. São Paulo: Boitempo, 2011.
- MANDEL, Ernest. *How to make no sense of Marx*, 1989. Disponível em: <<https://www.marxists.org/archive/mandel/1989/xx/nosense.htm>>. Acesso em: 04/11/2024.
- PLEKHANOV. *O papel do indivíduo na história*. São Paulo: Expressão Popular, 2008.
- TROTSKY, Leon. *História da Revolução Russa – Tomo I*. 2 Ed. São Paulo: Sundermann, 2017a.
- _____. *Minha vida*. São Paulo: Sundermann, 2017b.
- _____. “Testamento de Trotsky”. In: TROTSKY, Leon. *Minha vida*. São Paulo: Sundermann, 2017c.
- _____. *Lições de outubro e outros textos inéditos*. São Paulo: Sundermann, 2007.
- _____. *Programa de transição*. São Paulo: Informação, 1989.

Recebido em 07 de janeiro de 2025

Aprovado em 24 de abril de 2025